

Exercícios Específicos de Interpretação

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

Exercícios Específicos de Interpretação

1. Há notícias que são de interesse público e há notícias que são de interesse do público. Se a celebridade "x" está saindo com o ator "y", isso não tem nenhum interesse público. Mas, dependendo de quem sejam "x" e "y", é de enorme interesse do público, ou de um certo público (numeroso), pelo menos. As decisões do Banco Central para conter a inflação têm óbvio interesse público. Mas quase não despertam interesse, a não ser dos entendidos. O jornalismo transita entre essas duas exigências, desafiado a atender às demandas de uma sociedade ao mesmo tempo massificada e segmentada, de um leitor que gravita cada vez mais apenas em torno de seus interesses particulares.

(Fernando Barros e Silva, O jornalista e o assassino. Folha de São Paulo (versão on line), 18/04/2011. Acessado em 20/12/2011.)

- a) A palavra “público” é empregada no texto ora como substantivo, ora como adjetivo. Exemplifique cada um desses empregos com passagens do próprio texto e apresente o critério que você utilizou para fazer a distinção.
- b) Qual é, no texto, a diferença entre o que é chamado de interesse público e o que é chamado de interesse do público?

2. Escrever

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício Este conteúdo pertence ao Descomplica. É vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados. Material de apoio para Monitoria Português Monitores: Bruna Saad, Gianne Frade 16, 17, 18, 19, 20, 21 e 22/11/2015 penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação. Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada. Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos. Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

(Clarice Lispector. A descoberta do mundo, 1999.)

Clarice Lispector coloca inicialmente o processo da criação literária como uma maldição. Em seguida, ressalva que é também uma salvação. Com base no texto da crônica, explique como a autora resolve essa diferença de conceitos sobre a criação literária.

3. Mais em paz, comigo mais, Diadorim foi me desinflando. Ao que eu ainda não tinha prazo para entender o uso, que eu desconfiava de minha boca e da água e do copo, e que não sei em que mundo-de-lua eu entrava minhas ideias. O Hermógenes tinha seus defeitos, mas puxava por Joca Ramiro, fiel – punia e terçava. Que, eu mais uns dias esperasse, e ia ver o ganho do sol nascer. Que eu não entendia de amizades, no sistema de jagunços. Amigo era o braço, e o aço!

Amigo? Aí foi isso que eu entendi? Ah, não; amigo, para mim, é diferente. Não é um ajuste de um dar serviço a outro, e receber, e saírem por este mundo, barganhando ajudas, ainda que sendo com o fazer a injustiça aos demais. Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase; e os todos sacrifícios. Ou – amigo – é que a gente seja, mas sem precisar de saber o porquê é que é. Amigo meu era Diadorim; era o Fafafa, o Alaripe, Sesfrêdo. Ele não quis me escutar. Voltei da raiva.

ROSA, João Guimarães. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, pp. 138-9

- a) Determine os distintos conceitos de amigo que podem ser identificados no Texto.
- b) Guimarães Rosa é, sem dúvida nenhuma, um dos mais importantes escritores da literatura brasileira. Considerado a sua obra-prima, Grande sertão: veredas, romance publicado em 1956, representa uma profunda inovação em termos de narrativa, sendo até hoje referência para a nossa literatura. A partir da leitura do Texto 5, destaque e comente dois aspectos que reiteram o que foi afirmado acima.

4. ANALÍTICA DO BELO

Quanto ao agradável, cada qual admite que: seu juízo, que ele funda sobre um sentimento privado e pelo qual ele diz, de seu objeto, que este lhe agrada, restringe-se, também, meramente a sua pessoa. Por isso aceita de bom grado que, se ele diz: o vinho das ilhas Canárias é agradável, um outro lhe corrija a expressão e lhe recorde que ele deve dizer: é agradável para mim; e assim não somente no gosto da língua, do palato e da garganta, mas também naquilo que pode ser agradável aos olhos e ouvidos de cada um. Para um a cor violeta é suave e amável, para outros morta e extinta. Um gosta do som dos instrumentos de sopro, o

outro do dos instrumentos de cordas. Discutir sobre isso, com a intenção de reputar como incorreto o juízo de outros, que é diferente do nosso, como se fosse logicamente oposto a este, seria tolice; quanto ao agradável, vale pois a proposição fundamental: cada qual tem seu próprio gosto (dos sentidos).

Com o belo, o caso é inteiramente outro. Seria (exatamente ao inverso) ridículo se alguém, que imaginasse algo sobre seu gosto, pensasse legitimar-se com isto: esse objeto (o edifício que vemos, a roupa que aquele veste, o concerto que ouvimos, o poema que é apresentado para julgamento) é belo para mim. Pois não deve denominá-lo belo, se apraz meramente a ele. Atrativo e agrado, muita coisa pode ter para ele, com isso ninguém se preocupa; mas se ele dá algo por belo, presume em todos essa mesma satisfação: julga, não meramente para si, mas para todos, e fala então da beleza como se fosse uma propriedade das coisas. Diz, por isso, a coisa é bela; e não conta com a concordância de outros em seu juízo da satisfação, porque eventualmente os houvesse encontrado muitas vezes em concordância com o seu, mas a exige deles. Censura-os, se julgam de outro modo, e nega-lhes o gosto, do qual, no entanto, exige que eles o tenham; e nessa medida não se pode dizer: cada qual tem seu gosto particular. Isso equivaleria a dizer: não há nenhum gosto, isto é, nenhum juízo estético que pudesse ter pretensão legítima ao assentimento de todos.

(KANT, Immanuel. *Textos selecionados.*
Seleção de Textos de Marilena de Souza Chauí)

- a) Com base no texto, estabeleça uma diferença entre os usos do verbo gostar em “gostar de mel” e “gostar de uma pintura”.
- b) Estabeleça uma relação entre o ditado popular “gosto não se discute” e o texto.

5. Platão defendeu, no Banquete, em Fedra e em outros textos, a existência de um espírito místico ou furor enviado pelo céu, através do qual uns poucos eleitos se “inspiravam”: “As maiores bênçãos vêm por intermédio da loucura, aliás, da loucura que é enviada pelo céu.” Possuídas assim por visões transcendentais ou por conhecimentos transcendentais, essas pessoas desfrutavam de uma “loucura divina”, que as elevava acima dos mortais. A concepção freudiana do gênio era bastante diferente. Não era uma dádiva dos deuses, mas resultado dos processos do inconsciente; não vinha de cima, mas de dentro, das profundezas. [...]

A “arte” e a habilidade artística, mais que a inspiração, eram consideradas a marca do artista ou do escritor, e as estruturas de patronagem do mundo das letras tradicional proviam fortes argumentos a favor da conformidade social, em vez de excentricidade do artista. Isso não quer dizer que a “imaginação” e o “gênio” visionário estivessem em baixa em terrenos críticos. Mas a teoria clássica, modificada pela psicologia empirista do Iluminismo, insistia que

a imaginação não deveria ser obstinada, idiossincrática e visionária, mas residir na sólida formação dos sentidos e ser temperada pelo juízo. O verdadeiro gênio era um impulso orgânico saudável para a combinação das matérias-primas da mente.

*PORTER, Roy. Uma História Social da Loucura.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. p.81-82.*

No texto, Roy Porter aborda concepções distintas de genialidade. Sem reproduzir as palavras do autor, explique a diferença que ele estabelece entre tais conceitos.

Gabarito

1. a) Na expressão “interesse público”, público é adjetivo; em “interesse do público”, público é substantivo. Como adjetivo, “público” concorda com o substantivo a que se refere em gênero e número (assim, se o substantivo fosse feminino e plural, adjetivo assumiria as mesmas flexões: “tendências públicas”). Como substantivo, no segundo caso, público forma uma locução adjetiva com a preposição de.
b) Interesse público é sinônimo de “interesse social” e refere algo que diz respeito à coletividade e a afeta. Interesse do público designa o que desperta curiosidade coletiva, ainda que tal curiosidade não seja motivada por interesses justificáveis ou legítimos.
2. A aparente contradição proposta no texto de Clarice Lispector entre a maldição e a salvação do ato de escrever se resolve quando a autora confronta em um mesmo campo o “vício penoso do qual é impossível se livrar”, mas que “salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia em que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva”. Isto é, o ato de escrever é um gesto inevitável que está acima da vontade e das preferências pessoais do autor e que, ao mesmo tempo, converte-se em uma atitude transformadora.
3. Identifica-se no Texto 5 o conceito de amizade no sistema dos jagunços, em que o que vale é “o braço, e o aço”, em contraste com o conceito de amizade afetuosa, sincera e desinteressada, livre das regras da violência.
b) O romance de Guimarães Rosa apresenta diversos níveis de inovação estética: a criação de palavras, ou seja, neologismos; a alteração da estrutura sintática usual; a reelaboração da fala do sertanejo, universalizando a temática regionalista.
4. a) De acordo com o Texto, em “gostar de mel”, o verbo diz respeito àquilo que agrada aos sentidos de indivíduos particulares (no caso, o sentido do paladar). Já em “gostar de uma pintura”, o verbo seria usado em relação ao que se supõe ser uma propriedade da coisa apreciada (no caso, a beleza da pintura).
b) Considerando-se o sentido do ditado “gosto não se discute”, podemos dizer que se aplica, no Texto 1, ao agradável, às preferências individuais indiscutíveis ligadas à experiência sensorial, mas não ao belo, àquilo que julgamos ser uma propriedade que algo pode ou não ter em si mesmo, sendo cabível discuti-lo.
5. No texto, o autor contrasta a genialidade concebida como dom, como graça divina à genialidade advinda de traços inerentes ao indivíduo, conscientes ou inconscientes.

